

A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA: ECOS DA ESCRAVIDÃO EM PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Jacimara Vieira dos Santos¹

Resumo: Em Ponciá Vicêncio (2003), obra da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, encontramos várias recorrências às questões vinculadas à memória, tomadas a partir do ponto de vista da protagonista, em que se mesclam fatores históricos, vivências emocionais e experiências sócio-culturais. Este trabalho pretende examinar as reminiscências da escravidão a partir dos movimentos de memória e esquecimento da protagonista.

Palavras-chave: Ponciá Vicêncio; memória; escravidão

Abstract: In Ponciá Vicêncio (2003), by Conceição Evaristo, we find recurrences about memories questions, by point of view of protagonist, in alternance with historic aspects, emotional, social and cultural experiences. This study pretends to examine reminiscences of slavery by memories movements and forgetfulness of protagonist

Keywords: Ponciá Vicêncio; memory; slavery

O enredo do romance de Conceição Evaristo, ora focalizado, trata sobre a vida de Ponciá Vicêncio, mulher negra e descendente de escravos, cuja identificação com o avô paterno é forte.

Após a perda do pai, Ponciá Vicêncio irá procurar novas oportunidades na cidade, destino também escolhido por seu irmão, descrevendo importantes questões de gênero.

Separada da família, a protagonista viverá a busca por um reencontro com os seus, as injustiças e explorações do serviço de empregada doméstica, o seu casamento e os problemas conjugais, a perda de sete filhos, o abalo dos limites entre a sanidade e a loucura e, finalmente, o desfecho de reencontro com a mãe e o irmão e o cumprimento da profecia/herança deixada por seu avô, aglutinando os elementos simbólicos representados pelo barro, pelo rio e pelo arco-íris.

A trajetória de Ponciá Vicêncio resvala nos ranços da ideologia da escravidão e em vários paradigmas de transculturação a que a protagonista questiona, experimenta,

¹ Aluna do doutorado em Letras do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, professora de Literatura e Outras Artes da UNEB, campus XXIV. E-mail: mara_vie@yahoo.com.br

problematiza e instaura um tempo-espaço que favorece o percurso da memória individual em memória coletiva.

Tomado sob a perspectiva das expressões identitárias, a narrativa explora as situações do contexto pós-abolicionista no Brasil, tanto no tempo imediatamente posterior à Lei Áurea quanto para uma indefinida temporalidade posterior, para os negros e negras pobres, sempre aliados da cidadania e da integração real à sociedade brasileira. Ponciá Vicêncio contraria a aceção festiva da Abolição e põe em dúvida o alcance da lei que libertou o povo negro da escravidão, mas não o libertou de uma situação subalternizada.

O ponto de referência para a protagonista é a sua realidade imediata: a condição dos membros de sua família, o trajeto histórico que perpetua a situação precária da vida das gerações de seus antepassados - um fio de continuidade que precisa ser rompido para instaurar a renovação, a diferença.

O senso de corporeidade é, em Ponciá Vicêncio, o contraponto ao trauma escravista, pois que sempre se preconizou que o escravo pertence a algum senhor, seja a partir de sua força de trabalho, seja a partir da totalidade de seu corpo. Entretanto, essa questionável pertença revela que se pode ter o corpo sem, necessariamente, ter-se o ser. Ponciá experimenta a totalidade de sua corporeidade e sua identidade feminina:

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a sua infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino (...). Sabia que a mãe estava esperando por ela. Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô. Depois se apalpava toda. Lá estavam os seinhos, que começavam a crescer. Lá estava o púbis bem plano, sem nenhuma saliência a não ser os pêlos. Ponciá sentia um alívio imenso. Continuava menina. Passara rápido, de um só pulo. Conseguira enganar o arco e não virara menino. Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. (EVARISTO, 2003, p. 09)

Note-se que uma consciência de gênero se faz na menina Ponciá e que, na fase adulta abrirá a percepção sobre outras facetas desta identidade: mulher e negra, configurando uma assertiva de contraste, pois que sua identificação com o avô se dará em demasia, desde a assunção dos trejeitos físicos deste seu antepassado até à metaforização da herança deixada por ele, revelada aos poucos, ao longo do romance:

“O primeiro homem que Ponciá Vicêncio conhecera fora o avô. Guardava mais a imagem dele do que a do próprio pai” (p. 12).

O avô de Ponciá Vicêncio é o guia de sua trajetória. Muitas vezes a protagonista assume posturas que parecem sugerir a assunção de uma dívida moral com o seu avô, uma necessidade de quebrar elos de uma opressão sentida por gerações em sua família e que remete não só a uma situação particular, mas à coletividade.

Levemos, pois em consideração que “A masculinidade, assim como a feminilidade, é construída socialmente, é histórica, mutável e relacional”. (Connel, 1995; Kimmel, Messner, 1995 APUD GARCÍA, 1998). Deste modo, Ponciá Vicêncio tem plena consciência da diferença entre os gêneros enquanto construção social que se entrecruza a outros aspectos identitários como classe, etnia e condição social.

A relação de Ponciá com a outra figura masculina, o pai, revela o preconceito que impera em relação ao negro, animalizado, tratado como inferior ou descrito como inferior para legitimar a exploração, a subalternização e o aviltamento social sofridos:

O pai de Ponciá sabia ler todas as letras do alfabeto. Sabia de cor e salteado. Em qualquer lugar que visse as letras, as reconhecia. Não conseguia, porém, formar as sílabas e muito menos as palavras. Aprendera a ler as letras numa brincadeira com o sinhô-moço. Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu (...) Sinhô moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava aboca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres, por que continuavam ali? (EVARISTO, 2003, p. 14)

Estar em posição inferiorizada não exclui a percepção da exploração, não imuniza contra a indignação e, ainda que não pareça, o pai de Ponciá protesta contra aquele quadro em que vive. Ao contrário, enxerga o jogo e a negociação pela sobrevivência, questiona o seu entorno, mesmo se sentindo impotente para reagir transruptivamente naquele momento.

O que o romance de Conceição Evaristo nos mostra, neste momento de sua narrativa, é que a ideologia de dominação é implementada pelas classes hegemônicas desde cedo, procurando naturalizar os lugares postos socialmente.

Assim, ainda menino o filho do coronel sabe que manda, pois herda o poder de seu pai. O fato dos personagens em questão serem crianças da mesma idade não traz uma igualdade de condições, antes fazendo preponderar o poder instituído pelo sistema familiar, confirmando uma corrente de opressão a ser mantida e se mostrando nas seqüelas racistas do presente:

A história do racismo é uma narrativa em que a congruência do micro e do macrocosmo tem sido rompido no ponto de sua intersecção analógica: o corpo humano. A ordem da diferenciação ativa que tem sido chamada de “raça” pode ser a marca mais perniciosa da modernidade. Ela articula razão e desrazão. Ela entrelaça ciência e superstição. As suas ontologias ilusórias podem ser tudo, menos espontâneas e naturais.
(GILROY, 2007, p.76)

Vemos, então, que não há espontaneidade nem inocência infantil por parte do filho do coronel, mas, sim, um apego às forças repressivas praticadas num processo de dominação e subjugo perpassado por gerações.

Na concepção do menino explorado e humilhado, caberia ao seu pai romper com esta condição.

Mais uma vez o romance nos atira ao precipício dos temas contemporâneos, indicando a propagação da crença no indivíduo, alicerçada na idéia de que os problemas poderiam ser solucionados através dos esforços, do conhecimento, dos estudos, descartando-se as engrenagens maiores que agem sobre os próprios indivíduos, os obstáculos propositalmente fabricados para a conservação do estado das coisas.

Indo além desta crença, Ponciá Vicêncio mostra indivíduos atados a uma condição, mas mental e subjetivamente dinâmicos e problematizadores:

Pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço, tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço. Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço se certificou de que o negro aprendia, parou a brincadeira.
(EVARISTO, 2003, p. 15)

Ao contrário do que preconiza o modelo de pensamento branco Ocidental, o fato de não possuir educação formal não priva um indivíduo (nem uma etnia) de ter um passado e de construir conhecimento. Assim é que no romance as personagens se mostram intelectuais, como a própria Ponciá Vicêncio e, principalmente, Nêngua Kainda, que incorpora a voz ancestral da sabedoria dos mais velhos.

É importante notar que embora o romance procure não polarizar as etnias em questão, oferece-nos, novamente, pistas dos instrumentos utilizados pelas classes hegemônicas para perpetuar o status quo que impera na sociedade brasileira.

Além dos enredamentos sociais que visam aprisionar os negros em outras correntes de subalternidade, vimos que há um questionamento à capacidade intelectual do personagem negro, que não se confirma. Entretanto, convém o não reconhecimento das habilidades intelectuais do negro, de modo a reforçar a idéia de uma vocação para o serviço braçal, para os trabalhos em que supostamente o espaço das idéias e dos exercícios mentais são dispensáveis.

Esta falácia despreza as várias facetas que envolvem a execução de qualquer trabalho ou atividade, porque para toda e qualquer ação humana são necessários exercícios de raciocínio.

A visão histórica acionada pelo romance ajuda-nos a considerar as forças e os eventos culturais que permeiam e influenciam atitudes, comportamentos e as fontes comuns de certos problemas sociais.

Há um importante paradoxo em Ponciá Vicêncio, relativo ao devir e ao presente: “O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento.” (pág.16). Este esquecimento não significa o apagamento da memória, mas descreve um movimento catártico que liga o futuro e o presente; os vivos e os mortos, o mundo terreno e o espiritual, sem desprezar certas interdependências e entrelaçamentos que se confundem com a própria busca identitária da protagonista e que confirmam a busca como o mote do romance.

Para elucidarmos este paradigma, torna-se válido tomarmos de empréstimo a seguinte consideração de Paul Gilroy:

Esses problemas são ainda mais pronunciados porque as discussões sobre onde pode ser traçada a linha entre passado e presente continuam a ser uma fonte de tensões fundamentais e valiosas dentro das culturas negras. (GILROY, 2001, p.369)

Retomando o referencial histórico acerca do processo de escravização das populações negras e seus desdobramentos posteriores, fundamentalmente no plano social, entendemos a necessidade esboçada pela protagonista ao vislumbrar um amanhã composto por esquecimentos. Não se trata, pois, de meros esquecimentos, mas de reorganização e re-significação da memória.

Deste modo, o recuo à memória pessoal também é reveladora:

No tempo em que Ponciá Vicêncio ficava na beira do rio, se olhando nas águas, como se estivesse diante de um espelho, a chamar por si própria, ela não guardava ainda muitas tristezas no peito. Fora criada sozinha, com a mãe. Tinha um irmão que pouco brincava com ela, pois acompanhava o pai no trabalho da roça, nas terras dos brancos. (EVARISTO, 2003, p.18).

Ser criada sozinha com a mãe não significa que o pai fosse ausente ou negligente, mas, novamente, remete aos papéis sociais traçados por uma sociedade excludente e determinista, que coisifica os negros, impedindo a plenitude do usufruto da vida familiar, do lazer, do tempo livre.

Esta narrativa de Conceição Evaristo atinge e articula importantes aspectos da negociação cultural e da sobrevivência, traduzindo a memória e o agenciamento dos personagens, bem como, através deles, denotando comprometimentos ideológicos importantes se pensados na perspectiva de uma literatura afrodescendente, enquanto também se configura numa estratégia de revisão mnemônica da história dos negros no Brasil.

Conforme podemos deduzir, muitas são as arestas evocadas por Ponciá Vicêncio em sua viagem interior, mostrando-nos a ligação entre tempos, espaço e identidade em seus outros ângulos traduzidos por gênero, sistema econômico, cor, raça, classe social, e outros fatores.

O momento narcísico de se olhar nas águas é elucidativo: olhar para si e não se reconhecer e não se identificar com o seu nome e menos ainda com o seu sobrenome: Vicêncio, herdado dos proprietários de seus antepassados escravos, como a marcar a colonialidade e a relembrar vivificando a memória da escravidão:

A Persistência Da Memória: Ecos Da Escravidão Em Ponciá Vicêncio, De Conceição Evaristo

O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante. Quando aprendeu a ler e a escrever, foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo de Ponciá. Às vezes, num exercício de autoflagelo ficava a copiar o nome e a repeti-lo, na tentativa de se achar, de encontrar o seu eco. E era tão doloroso quando grafava o acento. Era como se estivesse lançando sobre si mesma uma lâmina afiada a torturar-lhe o corpo.

(EVARISTO, 2003, p. 27)

As fraturas instauradas na identidade de Ponciá Vicêncio pelas marcas da escravidão trazem a carga de uma violência simbólica que se reflete no estranhamento de si mesma e consigo mesma. A errância interior da protagonista, que podemos, numa dada acepção, considerar como uma diáspora interna, transita na angústia, na dor e na perda que a acompanham ao descobrir/aprender a cultura letrada sem dissociar o aprendizado da própria construção de uma auto-imagem que rejeita a referência ao seu opressor, simbolizado pelo sobrenome alheio, compulsoriamente aglutinado ao seu nome.

Temendo um ciclo de repetições, em dado momento, o devir é questionado por Ponciá, perplexa ante a estagnação das coisas:

Nascer, crescer, viver, para quê? (...) De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara um dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida.

(EVARISTO, 2003 pp. 83-84)

Aqui está o cerne das críticas de Ponciá: há uma Abolição formalmente reconhecida através de seu documento legal instituído, isto é pela Lei Áurea. Enquanto conquista e enquanto batalha do próprio povo negro, através de ações, rebeliões e atitudes diversificadas, mas nunca como uma concessão, a Abolição isolada de ações que reconheçam o negro como cidadão e abra possibilidades de integrá-lo à sociedade em outra posição que não avilte sua humanidade, pouco significa.

O Vô Vicêncio lembrado em coragem/covardia resolve matar aos seus (e se suicidar) para livrá-los da repetição das condições degradantes. Este personagem

assiste ao vários ensaios da Abolição, mostrando-nos, nas entrelinhas, o apego à escravidão que tinham as classes senhoriais brasileiras. Assim, é após a Lei do ventre Livre que o avô de Ponciá Vicêncio atenta contra si e contra a própria família, pois que “três ou quatro” dos seus filhos foram vendidos para terceiros:

Vô Vicêncio com a mulher e os filhos viviam anos e anos nessa lida. Três ou quatro dos seus, nascidos do “ventre livre”, entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Acudido, é impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele, independentemente do seu querer.

A violência descrita como coragem/covardia é a forma de Vô Vicêncio de reagir contra a coisificação.

A mutilação que ele sofre é proporcional à vida mutilada dos direitos básicos de ser humano (neste caso, ignorados), sendo o foco gerador do descontrole emocional que o faz, simultaneamente rir e chorar – talvez simbolizando que a morte liberta plenamente daquelas condições, ao tempo que fere ao senhor de escravos, pois que representa uma perda material/financeira; afastando definitivamente qualquer possibilidade de repetição de dolorosas circunstâncias. De acordo com Muniz Sodré (1998),

Acumulam-se, assim, as evidências de que existe na relação (histórica) senhor - escravo uma dimensão maior do que a implicada no trabalho e suas conseqüências e de que, por outro lado, a força da vida – que levava o escravo a tentar prolongar sua própria existência – não se explica pelo medo da morte. As freqüentes rebeliões armadas ou os numerosos suicídios de escravos sempre demonstraram que a morte era um recurso.
(SODRÉ, 1998, p.114)

A morte social e a invisibilidade, porém, acompanham Vô Vicêncio e os seus descendentes. Contudo, a morte é, reconhecidamente, um recurso de resistência com impacto profundo sobre as relações senhorial-escravistas.

Também Ponciá Vicêncio não perpetua diretamente sua situação, pois que perde sete filhos:

Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava-se de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos (...) Os pais, os avós, os bisavós sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, do sofrimento, da revolta suicida. (EVARISTO, 2003, p. 82)

A realidade social impele Ponciá Vicêncio a se abstrair dos sentidos correntes e positivos sobre a maternidade e sobre a constituição da família.

Aqui transparece o sistema de plantation confirmando a vocação agrícola, monocultora e latifundiária dos países escravocratas - experiência que deixaria como saldo a concentração de terra e de renda e as desigualdades sociais delas decorrentes. O estilhaçamento das unidades familiares negras, por conta dos fatores econômicos, deixaria o temor na protagonista de que os seus filhos tivessem por herança a repetição de sua condição.

Ponciá Vicêncio retrocede para localizar as raízes iniciais de problemas secularizados, desafiando o darwinismo social que por muito tempo serviu de justificativa para a miséria do povo negro. Assim é que suas constatações desequilibram os argumentos racistas que responsabilizam os negros por suas condições socialmente aviltantes.

Trocar socialmente de posição num jogo cujas regras são questionáveis e unilaterais parece deslumbrar o irmão de Ponciá Vicêncio: “Luandi José Vicêncio queria ser soldado. Queria ser o soldado Nestor. Ficar bonito como ele dentro da farda. Ter a voz de mando como a dele.” (EVARISTO, 2003, p.78)

O trauma colonial embutido nos desejos de Luandi é o seu manifesto em favor de uma ruptura de dominação. Deste modo, ele sonha em se equiparar a outro negro (soldado Nestor) que parece estar em posição privilegiada, bem distante das amarras da colonialidade.

O suposto potencial de nivelar as hierarquias sociais que move o pensamento de Luandi embute a ânsia e a necessidade de ocupar outras posições dentro da sociedade, impondo o respeito através da força simbólica do fardamento e das insígnias militares e da representação de um lugar de poder.

Todavia, a voz sábia da ancestralidade africana se personifica em Nêngua Kainda e adverte acerca dos equívocos de Luandi:

(...) Depois Nêngua Kainda olhou os trajes de Luandi e deu de rir, mas com os olhos. Ria dizendo que o moço estava num caminho que não era o dele. Que estava querendo ter voz de mando, mas de que valeria mandar tanto, se sozinho? Se a voz de Luandi não fosse o eco encompridado de outras vozes-irmãs sofridas, a fala dele nem no deserto cairia. Poderia, sim, ser peia, areia nos olhos dele, chicote que ele levantaria contra os corpos dos seus.
(EVARISTO, 2003, p. 96)

A força da sabedoria de Nêngua Kainda reconduz Luandi ao pensamento sobre a coerência ou inadequação de certas ações, induzindo-o a questionar os padrões fixos de dominação hierarquizante.

Muitas são as estratégias de sobrevivência e os interstícios que perpassam a memória conscientemente recobrada:

A mãe, com os olhos fechados, revivia outras cenas: a menina, Vô Vicêncio. A passagem dele, a passagem de seu homem, a sapiência de Nêngua Kainda, a terra dos negros, os trabalhos de barro, o filho agora soldado, a voz de mando, a terra dos brancos, a resistência teimosa e muitas vezes silenciosa do negro, travestida de uma falsa obediência ao branco. O tempo indo e vindo.
(EVARISTO, 2003, p, 128)

O tempo indo e vindo em um movimento pendular que pode ter ritmos variados e não necessariamente estagnar a memória, mas torná-las ainda mais viva, pois que do presente se visita o passado e este último, por sua vez, tende a incidir sobre o presente. Por isso retifica-se a necessidade de apropriação da história, em suas páginas de ganhos e de perdas.

O ir e vir das coisas e do tempo equivalem à tomada da memória como instrumento fundamental de recriação de uma identidade-lugar-espaco entre o passado e o presente vislumbrando um futuro: “Ponciá voltaria ao lugar das águas e lá encontraria a sustância, o húmus para o seu viver” (pág.129).

O espaço mnemônico da experiência escravista e os seus ecos percebidos nas várias gerações da família de Ponciá Vicêncio exigiu da protagonista a reescrita de sua própria história: nos traços invisíveis das narrativas pessoais é que se pode questionar

os destinos e as determinações impostos pelos contextos sócio-políticos da persistência das atitudes escravistas, à revelia de seu fim formalmente dado. Assim é que:

A volta de Ponciá ao seu lugar de nascimento no interior onde ela retoma seu trabalho com argila, que ela reúne ao lado de um rio para modelar suas esculturas, é profundamente marcada pela espiritualidade africana porque restabelece sua ligação com os vivos – sua mãe –, os mortos – seu avô – e os orixás – Oxum, deusa das águas doces, da vida, do amor, da fecundidade. A reconexão com Oxum e sua família fecha um círculo interrompido pela sua ida à cidade. (WALTER, 2009, p. 79)

A busca como mote das ações de Ponciá Vicêncio fará com que ela retome seu lugar e se reintegre às forças geradoras do barro, símbolo da criação e do rio, morada das entidades espirituais que regem sua vida e que, ao mesmo tempo é metáfora da mudança, dos passar das águas.

A retomada de um lugar não aponta para um lócus fixo e imutável, mas a um lugar de identificação. Assim Oxum confirma a inscrição de Ponciá Vicêncio no universo simbólico, nas bases espirituais assentadas pelos seus antepassados, ligando tempos diferentes (passado e presente).

Ponciá Vicêncio confirma-se como um ser diaspórico, sendo ainda maior sua diáspora interna. Através de sua trajetória, cuja memória abarca seus ancestrais escravos, revisitamos experiências históricas e recuperamos vestígios que desestabilizam as versões que servem de justificativa para a perpetuação da exclusão social dos negros, para a degradação de suas condições de vida e para desvalorização étnico-racial dos subalternizados.

A memória, em Ponciá Vicêncio, revela que as marcas da escravidão que alguns discursos tentam invisibilizar, seja preconizando um estado de democracia racial e igualdade, seja atribuindo ao próprio negro a responsabilidade por todo um contexto de exploração e discriminação, fazem da experiência escravista não somente uma instância das relações produtivas, mas um veículo de institucionalização da dominação.

Longe de apenas retomar o passado para recordar mágoas e ocupar uma estável posição vitimizadora, a protagonista indica que é necessário se apropriar de seu passado, reescrevê-lo e traçar caminhos de mudanças.

O que está em jogo, no tema aludido, é a possibilidade de autonomia e de real liberdade, e a personagem principal do livro de Conceição Evaristo, através das reminiscências da memória, encarna essa ânsia de tentar outros rumos.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

GARCÍA, Sandra Mara. **Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero**. IN: ARILLA et al (org.). *Homens e masculinidade: outras palavras*. São Paulo: Editora 34, 1998.

GILROY, Paul. **Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça**. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**; tradução de Cid Knipel; São Paulo: Editora 34.

SODRÉ, Muniz. **Jogo como libertação**. In: *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1988.

WALTER, Roland. **Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas**. Recife: Bagaço, 2009.